

Isabel Travancas

Universidade Federal do
Rio de Janeiro - UFRJ
Email:
isabeltravancas@gmail.com

Victoria Irisarri

EIDAES/CONICET -
FSOC/UBA
Email:
victoria.irisarri@icloud.com

Tradução:**Patrícia da Veiga –**

Universidade Federal do
Rio de Janeiro
Email:
patriciadaveiga@gmail.com



*Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0
International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).*

Copyright (©):

*Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução*

ISSN: 2175-8689

Entrevista com Edgar Gómez Cruz: uma trajetória singular entre os estudos de Comunicação e a Antropologia

An interview with Edgar Gómez Cruz: a singular trajectory between Communication studies and Anthropology

Travancas, I., & Irisarri, V. Entrevista com Edgar Gómez Cruz: uma trajetória singular entre os estudos de Comunicação e a Antropologia. Revista Eco-Pós, v.25, n.3, p. 200–216. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27993

*Nascido no México e com um percurso de vida internacional, Edgar Gómez Cruz é um pesquisador singular. Esta entrevista, realizada virtualmente no dia 16 de setembro de 2022, percorre à sua trajetória educativa e de investigação, que abarca diferentes campos disciplinares e objetos de estudo em diversos países, do México à Espanha, da Inglaterra à Austrália e, atualmente, os Estados Unidos. De modo reflexivo, Edgar dá conta das transformações em suas investigações com interesse especial no desenvolvimento de marcos teórico-metodológicos e interpretativos para o estudo do digital, recuperando a tradição latino-americana dos estudos culturais, comunicacionais, antropológicos e a aproximação com o popular. Sua interlocução nos convida a pensar sobre a necessidade de descolonizar nossas epistemologias para abordar o digital desde o sul. O intelectual também propõe um diálogo para enfrentar o desafio de desenvolver redes sustentáveis de investigação e formação de longo prazo na América Latina. Seu último livro, *Tecnologías Vitales (2022)*, abre novas interrogações e desafios para investigar e analisar as tecnologias digitais. Estas, como propõe o autor, se tornaram vitais para a vida cotidiana.*

Victoria Irisarri: Gostaríamos de começar a entrevista pedindo que conte como foi sua trajetória e passagem da Comunicação à Antropologia.

Edgar Gómez Cruz: Creio que é como diz Jonathan Stern, um estudioso da ciência e da tecnologia: em minha trajetória sempre fui “antidisciplinar”. Recentemente dei uma palestra em que propus que, talvez, devêssemos pensar mais na indisciplina do que nas disciplinas. Eu estudei Comunicação porque na universidade onde me graduei não havia o curso de Antropologia. Se tivesse, essa teria sido a minha escolha. No México, a Comunicação Social é uma mescla entre a Antropologia e a Sociologia dos meios e um pouco de produção; tínhamos aulas de Televisão, de Cinema, de Rádio. Na verdade, o forte da carreira é a reflexão cultural, sociológica e antropológica sobre a comunicação. Logo fiz mestrado e foi uma história bonita e tragicômica, porque me apaixonei pelo cinema no último ano do curso e fui fazer mestrado com especialização em Cinema. Quando cheguei ao Programa, essa especialização tinha sido extinta e havia somente duas linhas de pesquisa. Eu já estava lá e, assim, disse: bom, vou seguir com isso de pesquisar. Isso foi em Monterrey, México. A partir dali comecei a trabalhar na universidade e fui fazer doutorado em Teoria Sociológica, em

Madri. Então, muitas coisas que havia aprendido no curso de Comunicação acabei revisitando, lendo autores e autoras “sérios”. Tive uma disciplina inteira para ler a obra de [Michel] Foucault e outra para ler [Pierre] Bourdieu. Foi como um despertar teórico. Além disso, me encontrei com os estudos de Ciência e Tecnologia, que possibilitaram uma abertura para outras perspectivas. Logo aconteceram outras coisas, também tragicômicas, e acabei na Universidade Aberta da Catalunha (UOC), com a Elisenda [Ardévol], que me acolheu e abriu as portas de sua equipe. Quando comecei o doutorado, em Madri, tinha um blog. Adolfo Estalella, outro antropólogo que fazia sua tese com a Elisenda, leu o meu blog e quis me entrevistar, como interlocutor de sua tese. Depois de nosso primeiro encontro, nos tornamos muito amigos. Quando tive alguns problemas relacionados à bolsa de pesquisa, ele me disse: “venha à UOC”. Me inscrevi e acabei fazendo a tese com a Elisenda, uma antropóloga. Essa é a trajetória: da Comunicação, passando pela Sociologia e chegando à Antropologia. Costumava dizer que meu objeto era de comunicação, meu marco era sociológico e meu método era antropológico. Agora creio que a Sociologia ficou um pouco relegada e estou mais interessado nas Artes, a última peça disciplinar que tem me emocionado nos últimos anos.

Victoria Irisarri: *Você tem projetos relacionados à arte, como menciona em alguns textos, como a fotografia.*

Edgar Gómez Cruz:

A fotografia – o que é muito curioso – é para mim como o campo das antropólogas e dos antropólogos. Assim como elas e eles têm uma comunidade, na Patagônia ou no Amazonas, onde fizeram suas pesquisas, retornando ao longo do tempo, para mim a fotografia é isso. Regresso constantemente e vejo o que está sendo feito, quem está escrevendo sobre isso ou escrevo alguma coisa. Uma coisa que aconteceu com a minha tese de doutorado, que foi sobre práticas de fotografia, foi que “saí do armário” da fotografia. Antes, eu gostava da fotografia, a partir da tese me converti em fotógrafo, faço muita fotografia e, eventualmente, me dei conta de que o fazer fotográfico era para mim uma forma de pensar sobre as coisas. Assim, a fotografia se converteu em um método para me fazer perguntas e para oferecer certas respostas a algumas perguntas. É um método que venho trabalhando nos últimos anos e que tem me emocionado muito.

Victoria Irisarri:

Pensando no caminho que você percorreu, quais foram suas principais referências teóricas ao longo dele e como elas foram mudando?

Edgar Gómez Cruz:

Esta pergunta é muito interessante, não havia pensado nisso, mas vou tentar articular uma resposta. Minha primeira formação no México estava muito influenciada pelos estudos culturais e, particularmente, pelos estudos culturais britânicos, a Escola de Birmingham, Stuart Hall, Raymond Williams, David Morley. Esta literatura era muito importante. Para além de [Pierre] Bourdieu, a questão da cultura, o capital cultural, o *habitus*, a prática, todas estas eram influências muito importantes. <as desde a graduação eu estava mais interessado na etnografia como método. Na metade da graduação, tivemos uma disciplina de Métodos Qualitativos – no México se costuma diferenciar métodos quantitativos e métodos qualitativos – e a etnografia me chamou muito a atenção porque, na ocasião, eu gostava de escrever crônicas jornalísticas, era músico e escrevia sobre música, sobre arte, sobre filmes. E foi me interessando muito a aproximação etnográfica. E nos estudos culturais me senti muito bem. Mas, ao chegar em Madri, comecei a fazer o que chamavam DEA, que era o Diploma de Estudos Avançados, mais ou menos o equivalente a um curso de mestrado – agora se diz mestrado, mas à época se chamava DEA. E comecei a trabalhar com um professor - Rubén Blanco - que estava muito interessado no digital, mas que era oriundo dos estudos da Ciência e da Tecnologia. Para mim, essa mistura foi explosiva, muito interessante. Quando comecei o doutorado, o que queria era promover um diálogo entre [Pierre] Bourdieu e [Bruno] Latour, mesmo que os dois não se dessem muito bem. Digamos, me interessava muito a ideia de ontologia plana, a questão da relação entre humanos e não-humanos, as redes sociotécnicas, mas me faltava a questão do poder e a questão do poder era, creio eu, importante e [Pierre] Bourdieu me permitia inseri-la no debate. O que eu pensava, naquele momento, era que, uma vez que se criassem esses agenciamentos latourianos, eles se solidificavam de modo a criar *habitus* bourdieuanos. Essa foi a conexão que fiz naquele momento. Logo a partir daí segui muito interessado nos estudos de Ciência e Tecnologia, mas me interessei mais pela posição antropológica, para além da etnografia. Ultimamente, têm me seduzido muito as ideias de Tim Ingold, de Tobias Rees e o convite

deles para dissociar o antropológico do etnográfico. Depois me encontrei com a arte, o que tem me permitido refletir sobre todos estes processos de construção do conhecimento e como eles podem permitir formas muito mais potentes e expressivas que vão além da academia. Ainda que os processos de construção do conhecimento sejam muito similares, o resultado é radicalmente distinto.

Victoria Irisarri:

Você tem algum exemplo?

Edgar Gómez Cruz:

Durante a pandemia, uma das coisas que fiz foi tirar fotos de máscaras faciais jogadas ao chão. Produzi mais de mil imagens. Poderia falar de muitas coisas sobre as máscaras, da parte médica, de como elas previnem as gotículas de saliva que contêm o vírus; poderia falar desde a abordagem sociológica, sobre o que significa para a sociedade utilizar máscaras quando não estávamos acostumados a usá-las – algo que em sociedades asiáticas é por demais comum; ou o que significa em termos políticos, por exemplo, quando em uma sociedade há resistência a usar máscaras etc. Há muitas formas de se aproximar do objeto, mas se ponho mil fotos de máscaras e você as vê juntas, e assim te trago todas essas discussões, você pode ir a muitos lugares. Você se move não somente no intelecto, mas também nas entranhas, não? Então há uma exploração que está me interessando muito e que estou tentando conciliar com a parte mais acadêmica.

Victoria Irisarri:

Mais vinculado às emoções?

Edgar Gómez Cruz:

Sim, mais vinculado às emoções, aos afetos e efeitos e ao que não temos explorado muito no mundo acadêmico. Não a partir da teoria, mas da exploração de outras formas de pensar (e sentir).

A ideia da Antropologia das Emoções está muito desenvolvida, mas creio que estou mais interessado em uma Antropologia emocional ou emocionante, que é algo um pouco distinto. Não é o trabalho sobre [as emoções], mas sim utilizar [o emocional] para gerar algo. Além

disso, é curioso que você mencione o Brasil, porque toda esta exploração começou com um texto bem curto que publiquei há muitos anos na revista *Cadernos de Arte e Antropologia*, um textinho muito experimental que foi a origem de toda essa exploração.

Isabel Travancas:

Gostaríamos de conhecer o fazer de suas pesquisas e pedir que nos conte como você foi construindo seus objetos de estudo e como eles foram mudando ao longo de sua carreira.

Edgar Gómez Cruz:

Esta é outra pergunta muito bonita, sobre isso sim tenho pensado bastante. Quando estava no último ano da graduação em Comunicação –, saberão minha idade. Além disso, é muito importante, fiz a graduação de 1992 a 1996. No último ano do curso fui a um congresso de Comunicação em uma universidade privada no norte do México, onde depois fiz o mestrado. No congresso, explicavam uma nova forma de fazer comunicação, uma nova tecnologia, que se chamava Internet. Para mim, o que contavam na ocasião era futurista. Lembro-me que havia um editor de um jornal muito importante, que relatava como tiravam fotos em um estádio de futebol e mandavam as fotos pela Internet, durante a partida. Quando retornei à minha universidade, que era pública, fui diretamente perguntar ao pessoal da computação: “Escutem, nós temos isso que se chama Internet?” E disseram que sim: “temos quatro ou cinco computadores públicos com monitores monocromáticos para usá-la, para tanto, você precisa saber de UNIX”, que era o sistema operativo da época. Estou falando de um momento em que a web ainda não existia ou não estava tão difundida, não havia imagens, era puro texto. Foi quando me encontrei com os “tataravós” das redes sociais, os *Bulletin Board Systems* (BBS), e fiquei completamente fisgado. Ia todos os dias depois das aulas e passava horas ali [na sala de computação]. Certa vez, estive 11 horas diante do computador, falando com pessoas, lendo coisas, era um mundo que, naquela época, ainda se abria diante de mim. Quando cheguei ao mestrado, disse: “quero escrever uma dissertação sobre isto”. Meu orientador, José Carlos Lozano, me disse: “sou especialista em comunicação internacional e estudos de recepção, não tenho ideia do que você está dizendo, mas se você quer fazer isso, pois faça”, o que o agradeço muito. Além do mais haviam nos dado um financiamento alto, o que nós acreditávamos que era um valor alto, cem mil dólares, pagos pela Televisa para que fizéssemos um estudo sobre as audiências no México. Tínhamos recursos e tínhamos

dados, teria sido mais fácil para mim se eu tivesse feito a pesquisa de mestrado sobre estudos de recepção da televisão no México. Mas decidi, ao contrário, investigar a Internet. E acredito que minha dissertação foi a primeira “etnografia virtual” feita no México, em 1997. A partir daí, comecei com este tema e não parei. Cresci com o tema, minha carreira de pesquisador também, pude ver os distintos momentos e as diferentes fases de aproximação sobre o tema. Quando cheguei na Espanha, havia feito minha pesquisa de mestrado sobre os BBS e a nova tecnologia que emergia eram os chats, o Hotmail e todas estas coisas que tinham seus próprios chats, que depois se converteram nos mensageiros. Queria escrever a tese sobre isso. Nesta ocasião, eu estava em Madri, quando fui a Barcelona realizar a pesquisa de doutorado com a Elisenda, da UOC, e decidi que, em vez de perseguir a última tecnologia – que sempre estava mudando e se movia muito rápido – seria importante usar outra estratégia: no lugar de me concentrar no objeto, pensei em perguntas. E foi assim que inverti a equação. Em vez de querer perseguir sempre a última tecnologia, o que fiz foi levantar uma pergunta sobre como uma prática mudava com distintas tecnologias. Tendo estudado tanto a Internet de forma textual, me dei conta de que a imagem estava sendo cada vez mais protagonista da comunicação em rede. E assim decidi estudar a fotografia e como ela mudou com a emergência da tecnologia digital. Nesse momento, havia uma plataforma que era Flickr, plataforma de fotografia central para minha tese de doutorado. Dos estudos culturais passei aos estudos de Internet, incorporando elementos de Ciência e Tecnologia e, com a tese, somei ainda os estudos visuais. A partir daí, incorporei elementos sobre o digital, sobre o visual, sobre as práticas. Minha última incursão tem sido a busca por descolonizar o pensamento sobre o digital, voltando um pouco a pensar o que significa a cultura digital a partir da América Latina. Eu sou latino-americano, embora faça muitos anos que não estou na América Latina. Agora estou na América Latina do Norte porque o Texas é um lugar muito próximo, histórica e culturalmente, e é uma boa base para trabalhar. Assim foi minha trajetória geral, com várias trajetórias particulares: uma geográfica (fui do México à Espanha, depois à Inglaterra, Austrália e aos Estados Unidos); outra de objetos (indo dos estudos da cibercultura aos estudos de Internet, do digital, da fotografia e, em seguida repensar isso tudo através de nossas próprias culturas, histórias etc.). São várias trajetórias cruzadas que me mobilizam.

Victoria Irisarri

Dossiê **Etnografias da Mídia e do Digital** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 3, 2022

DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27993

Em seu livro, *Tecnologías Vitales*, você recupera a tradição de Jesús Martín-Barbero e a noção do popular para abordar os estudos sobre o digital na América Latina.

Edgar Gómez Cruz

Por isso são úteis as genealogias intelectuais, não? Aconteceram várias coisas. Por um lado, no momento em que surgem os estudos de Internet entre os anos 1990 e 1996, as perguntas sobre a cultura digital, ou a comunicação mediada por computador, como chamavam na ocasião, começaram a ser cada vez mais centrais. Isso foi no momento em que muitos dos preceitos da Antropologia estavam sendo problematizados: a ideia de comunidade, a ideia de território, a ideia de campo. Ao mesmo tempo, os estudos de comunicação, os que primeiro se interessaram pelo digital tinham uma larga trajetória acadêmica. Mas estas duas genealogias não dialogaram muito. Talvez, porque os estudos de comunicação percebiam a Internet como um meio de comunicação ou como um espaço de comunicação, ao invés de pensá-la como um objeto antropológico. Então o interesse pelo digital na América Latina foi pioneiro, chegando um pouco tarde a ser um objeto importante em disciplinas como Antropologia ou Sociologia (e, inclusive, ainda encontra resistência, sendo considerado um tema marginal). Apesar do interesse já bem evidente, o pensamento latino-americano sobre o digital não avançou, em grande medida porque reproduzia as ideias (metodologias e teorias) desenvolvidas no norte global. Parecia que a preocupação era pelo que estavam dizendo as pessoas nos Estados Unidos, na Escandinávia, na Inglaterra sobre o que chamávamos de novas tecnologias. Talvez, porque as tecnologias provinham destes lugares e havia muito pouco desenvolvimento tecnológico em nossos países. Na atualidade há casos bem interessantes como o dos *softwares* livres no Brasil, o do desenvolvimento de *hardwares* de entrada como o que faz a empresa Printaform, no México. Há histórias da computação que ainda nos falta escrever. O trabalho de Eder Medina, no Chile, Ignacio Siles, na Costa Rica, Iván Chaar-López, no México. Mas falta fazermos um projeto sério sobre a história da computação em distintos países e, claro, na América Latina como região. Os estudos de Internet na América Latina surgiram sempre olhando para o norte, enquanto o pensamento latino-americano, mais latino-americanista por assim dizer, influenciava muito a Antropologia, os estudos de cultura popular, a Comunicação. Enquanto que, no México ou no Brasil, se falava do papel das telenovelas na cultura popular, apontando o lugar que tinham as audiências, centrando em como as pessoas adaptavam e adotavam as mensagens

(e as tecnologias) na sua vida e, ainda, como a relação entre pessoas, culturas, mensagens e tecnologias era muito mais complexa. Quando se falava de Internet, se costumava abordar coisas muito superficiais, do uso e da apropriação, de como se utilizavam elementos como perfis, fotos etc. Foi necessário passar muito tempo para que surgisse uma maior articulação entre o pensamento latino-americano e a reflexão sobre o digital. Inclusive, me atrevo a dizer que, foi quando as grandes personalidades do estudo da Internet começaram a citar Paulo Freire ou a ideia de mediação que originalmente surge com Martín-Barbero Por outro lado, e ao mesmo tempo, os objetos de investigação que estavam sendo discutidos desde o norte, que era o *mainstream* acadêmico, pareciam desconectados do que eu estava vivendo como mexicano na Austrália. O exemplo que sempre apresento é o WhatsApp: ninguém falava do WhatsApp no norte global, não era uma tecnologia que inspirava novidade, nem era interessante, nem relevante. No entanto, no México, no Brasil ou na Argentina, você não pode entender a cultura digital em 2022 sem estudar o WhatsApp. E duas coisas ocorreram: por um lado, autores latino-americanos ou ecos de autores latino-americanos passaram a aparecer na literatura sobre o digital. Por outro lado, parecia haver uma defasagem de objetos e perguntas. Então voltei ao México, fiz uma pequena investigação sobre o WhatsApp e publiquei um texto a respeito. Esse, para mim, foi o “retorno” à América Latina. A partir desse momento, comecei a pensar coletivamente com outras e outros colegas na América Latina. Pessoas que estavam tendo intuições similares. Duas perguntas nos aglutinaram: O que aconteceria se começássemos a pensar o digital - não a partir da trajetória das tecnologias - mas sim a partir da trajetória do latino-americano? Como desenvolver uma teoria latino-americana sobre o digital? E esse é o projeto em que estamos trabalhando.

Isabel Travancas

Gostaria de lhe perguntar sobre esse desenvolvimento dos estudos sobre tecnologias digitais e sua conexão com a Antropologia. Como você comentou, entra um pouco tarde como tema de pesquisa, em congressos, *papers*, revistas, mas ao mesmo tempo, se olhamos para o passado, como poderíamos pensar hoje os desafios para abordar o tema do digital? Tudo muda e isso também é um desafio. O Orkut, por exemplo, que já parecia uma tecnologia muito antiga, volta num movimento intenso.

Edgar Gómez Cruz

Creio que é uma das coisas que tentei trabalhar em meu livro *Tecnologías Vitales*. Estamos numa fase em que necessitamos desplataformizar os estudos digitais. Porque se alguém publicar um texto dizendo como os jovens cariocas utilizam o Orkut neste momento, ninguém vai ler este texto porque o Orkut já não existe. Meu amigo Adolfo Estalella fez uma tese maravilhosa sobre blogs, mas quando o trabalho terminou, a moda dos blogs já havia passado. Contudo, muitos desses achados eram fundamentais, mas não encontraram a audiência que mereciam. A temporalidade de nossas pesquisas passou a estar sujeita à temporalidade e ao interesse pelas plataformas, e isso nos causou muito dano. O que proponho no livro? Deixar de olhar as plataformas e começar a pensar sobre a vitalidade ou sobre as vitalidades: o que significa socializar, encontrar um parceiro, ter uma posição política, organizar a vida cotidiana. Todas estas coisas que não estão sujeitas a uma plataforma determinada, mas são influenciadas, de determinada forma, pelas plataformas que são usadas para lhes dar forma. Então, se no lugar de investigar como os jovens cariocas usam o Orkut como é a socialização dos jovens cariocas, como concebem o amor ou o ódio, incorporando a reflexão sobre o digital, mas sem nos centrarmos necessariamente na tecnologia, essa pesquisa poderia ser útil para seguir construindo e não começar do zero cada vez que queremos construir conhecimento sobre o digital. Porque plataformas como MySpace ou LiveJournal desapareceram, porque parece que Facebook y Twitter estão caindo em pedaços, porque outras plataformas como Tik Tok ou Mastodon estão crescendo. Mas talvez no futuro desapareçam também. O que acontecerá será a vitalidade da conexão com as práticas digitais.

Isabel Travancas

Se pensamos também nesta ideia das distinções dos hemisférios norte e sul e o tema da antropologia digital, percebemos que temos um diálogo mais estreito, no caso do Brasil, com a América do Norte e com a Europa, do que com a América Latina.

Edgar Gómez Cruz

O que acontece com o Brasil é que o país foi pioneiro. Por exemplo, o Brasil tinha a única coleção de livros que conheço na América Latina sobre o digital, da editora Sulina. E durante o primeiro governo Lula, com todo o apoio e os recursos que foram dados à Educação

Superior, a academia brasileira cresceu a um nível altíssimo. Muita gente foi estudar fora e regressou, formou quadros, grupos de trabalho. Houve também pessoas que foram viver no norte, mas para pensar o sul. Faz um tempo que não vou ao Brasil, mas uma amiga mexicana, Paola Ricaurte, que trabalha muito com o Brasil, me disse que estão anos luz à frente de tudo o que fazemos na América Latina.. Em termos de proteção de dados, de visão crítica dos algoritmos, de reflexão sobre a vigilância etc. Os pesquisadores estão fazendo perguntas que me parece que ainda não encontraram eco no resto da América Latina. Você tem razão, não dialogamos tanto quanto deveríamos dialogar. Eu dialogo mais com colegas brasileiros e brasileiras em congressos internacionais em inglês do que em congressos na América Latina – o que é uma falta de sorte, acredito. E, ao mesmo tempo, nós pessoas falantes do idioma espanhol não lemos tanto os autores que escrevem em português e teríamos de fazê-lo porque há gente produzindo coisas extraordinárias. Outra vez, é mais fácil para nós olharmos para o norte, em inglês, do que fazer o esforço de olhar para o lado, em português, ou de estabelecer um diálogo em portunhol. No idioma que seja, em todos os possíveis, o Brasil teria de ser mais parte da América Latina.

Victoria Irisarri

E para seguir pensando nessa questão da América latina, no seu último livro, você apresentou a necessidade de “nos exigirmos uma independência epistemológica”. Quais são os principais desafios de uma Antropologia Digital ou do digital para alcançarmos essa independência epistemológica?

Edgar Gómez Cruz

A gente, acredito, já chegou num ponto de maturidade de reflexão teórico-metodológica. Há acadêmicos e acadêmicas suficientes na América Latina que estão fazendo trabalhos muito relevantes para mover e impulsionar o pensamento próprio. Creio que chegamos num ponto em que já começamos a dialogar com o norte. Então a pergunta é: como queremos dialogar com o norte? Queremos dialogar a partir das regras do norte ou queremos trazer para a mesa nossas próprias regras, nossas próprias decisões. Estou a favor da segunda opção: dialoguemos, mas vamos dizer algo sobre as condições teórico-metodológicas desse diálogo. Se tenho algo claro é que somos muito parecidos e parecidas, mas também muito diferentes. Ou seja, se vamos ao Palermo [bairro da cidade de Buenos Aires] ou se vamos à

Vila Madalena, em São Paulo, onde há gente com acesso a tecnologias, com recursos suficientes para ter o último iPhone com conexão ilimitada e depois vamos a bairros similares em Austin, Berlim, Oslo etc., talvez as práticas não sejam distintas, as pessoas farão coisas similares. Mas o certo é que nossos países estão muito longe de ser uma urbe cosmopolita e conectada. A desigualdade é fundamental para entendermos a cultura e, ao mesmo tempo, a cultura é fundamental para compreendermos a desigualdade. Somos sociedades classistas, racistas, que foram construídas a partir de uma diferenciação de classes, de alguma forma ou de muitas formas. Então, trazer distintos marcos para este diálogo com o norte requer obrigatoriamente trazer essas diferenças como parte do diálogo. Desta forma, se chegamos num ponto de maturidade em que já, mais ou menos, entendemos como é o trabalho acadêmico global e participamos em congressos e revistas internacionais, nos convidam para estar em fóruns e seminários, ao mesmo tempo temos uma responsabilidade, não com a academia, mas sim com as realidades das quais viemos. A ideia da independência epistêmica parte da base de que vamos dialogar a partir de nossas realidades, nossas perguntas, nossas necessidades, e não do que vem de fora porque, por exemplo, falar de Inteligência Artificial talvez não tenha a relevância que outras perguntas mais urgentes. Terminei há pouco um relatório sobre o desenvolvimento da Inteligência Artificial na América Latina. Quando você entrevista as pessoas, quando pergunta às pessoas o que elas sabem sobre o tema, você se dá conta que, por enquanto, a Inteligência Artificial é uma ambição, uma projeção, é uma aspiração, pois queremos ser como o norte ou porque queremos pensar que, ao final, uma tecnologia vai preencher as lacunas sociais. Mas não é assim, não temos a infraestrutura, não temos o capital, não temos as condições e então estas narrativas acabam sendo somente “aspiracionistas”, com a consequência de que deixamos de atender às coisas que necessitamos atender. Nesse sentido, acredito que é um bom momento para repensar quem somos e o que fazemos a partir da academia do sul, em particular a partir da América Latina (algo que me parece estar mais avançado em África ou em Ásia), e trazer estas condições para e a partir de nossa realidade e não a partir das condições que nos são impostas de fora. Isso, de alguma forma, é a independência epistemológica, não?

Victoria Irisarri

Dossiê **Etnografias da Mídia e do Digital** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 3, 2022

DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27993

E outro ponto que você comenta no livro, além de ampliar as perguntas sobre as tecnologias e fazer perguntas próprias a partir de nossos contextos e que este é um projeto político e, por vezes, o nomeia de ativismo e tenha incidência nos ativismos políticos.

Edgar Gómez Cruz

Isso é algo que devo reconhecer que não é o meu forte, mas vejo esta atitude em coletivos, grupos e pessoas que levam esta ideia para a rua. De ativistas ou coletivos feministas que utilizam as tecnologias para se mobilizar coletivos de desenvolvimento de tecnologias locais que buscam responder às necessidades das comunidades nas quais se inserem. O Brasil é sempre o exemplo pragmático disso, de como queremos intervir, o papel que estão dando às tecnologias na política, na política com P maiúsculo. Porque se não intervirmos com algo mais que o discurso, logo as tecnologias, como no caso do WhatsApp e de Bolsonaro, acabam sendo cooptadas. Nesse sentido, necessitamos ser mais ativistas. As tecnologias, ao amplificar nossas sociedades e suas desigualdades, podem ser convertidas em instrumentos de opressão muito perigosos. O WhatsApp pode ser uma ferramenta cotidiana maravilhosa, quando grupos de mulheres a utilizam para criar redes de apoio e de segurança, mas são menores quando os homens a utilizam para controlar as mulheres: “onde você está?”, “o que está fazendo?”, “me mande uma foto?”, “me mande sua localização?” etc. E isso é outro ponto que se discute pouco. Se fala do controle e da vigilância por parte dos governos, controlando e vigiando seus cidadãos e suas cidadãs, mas menos sobre como as relações pessoais são cada vez mais tecnológicas. A amplificação tecnológica, quando se mescla à desigualdade e à falta de segurança que há em nossos países, pode ser explosiva. Por isso se discute tanto os linchamentos na Índia ou no México e se culpa a tecnologia. Precisamos de uma alfabetização midiática, uma alfabetização digital, necessitaríamos alfabetização e ponto. E uma ideia de cidadania distinta da que tivemos até agora. Se pensamos em algumas frases que são ditas, por exemplo, no México, “quem não negocia, não avança”, ou na Colômbia, “para que você dá papaia?” [se você é roubado, é sua culpa, por não estar atento], há uma ideia de que você está contra o mundo e quanto mais você fizer mal ao mundo menos o mundo vai poder fazer o mesmo com você. Esta ideia, outra vez, as tecnologias podem amplificar de uma maneira muito fácil.

Isabel Travancas

Dossiê **Etnografias da Mídia e do Digital** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 3, 2022

DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27993

Após este trajeto que você relatou, do México a Barcelona, depois à Inglaterra e à Austrália, como está seu trabalho agora na Universidade do Texas e com que grupo você vem trabalhando?

Edgar Gómez Cruz

Não sei o que faria de diferente em minha carreira, mas sim sei que sempre me movi até lugares que me permitiam seguir aprendendo. Há gente muito estratégica, que pode dizer: ok, estarei três anos aqui, depois cinco anos lá, vou chegar a este ponto e vou... Eu sou exatamente o contrário, não tenho um plano de vida. A liberdade não me dá vertigem. Sempre tomei decisões sobre a minha vida em função das coisas que em cada ocasião me pareciam mais excitantes, emocionantes. Sou muito visceral e pragmático ao mesmo tempo. Fui embora da Espanha porque, depois de novo anos vivendo ali, ao mudar meu visto de estudante por um de trabalho, se eu tinha um projeto de três meses, me davam um visto de três meses, se tinha um projeto de seis meses, outro visto de seis meses. Depois de nove anos vivendo em um país e não tendo a segurança de uma pertença, me cansei. Era como estar em uma relação ruim, eu gostava muito da Espanha, mas a Espanha não gostava de mim tanto assim. E então decidi ir para a Inglaterra, que me oferecia uma possibilidade, um espaço. Me ofereciam quatro anos de visto para fazer coisas e aconteceu o mesmo: me afeiçoei à Inglaterra, estava pronto para ficar, mas as oportunidades que existiram em determinado momento não vingaram. E então a Austrália me abriu as portas. Sempre tive as malas prontas e perto da porta, para quando eu me perguntasse: o que está ocorrendo? Como me sinto no lugar em que estou? Que outras oportunidades existem? Mas também há lugares mais abertos do que outros. Agora sou cidadão australiano. É muito engraçado porque tenho um passaporte que nunca usei, porque veio a pandemia. A pandemia também mudou muitas coisas porque houve um momento em que me dei conta de que a Austrália era um país precioso. Não conheço o Rio de Janeiro, mas Sidney deve ser uma séria candidata à cidade mais bonita do mundo. Vivia muito bem, a 20 minutos caminhando do meu trabalho, 20 minutos caminhando até a praia, tinha um grupo de amigos, estava muito bem. Mas havia duas coisas: por um lado, meu trabalho me chamava cada vez mais à América Latina e a Austrália estava muito distante; por outro lado, a questão afetiva, durante a pandemia. A Austrália fechou as fronteiras e então a sensação de viver em uma ilha no fim do mundo se tornou real. Não se podia sair. Enquanto o mundo estava em

pedaços, na Austrália não tínhamos contágios, fomos ao restaurante, foi possível conter o vírus pagando o preço do isolamento. Por ser uma ilha, é muito mais fácil. Isso fez com que eu também sentisse que, naquele momento de minha vida, tinha de estar mais perto da minha família, dos amigos, das redes, mais perto dos lugares onde quero fazer trabalho de campo. E assim surgiu a oportunidade no Texas. Nunca havia pensado em viver aqui, mas tive uma ótima oportunidade e decidi agarrá-la. Há algo interessante: pela primeira vez na vida, tenho um posto acadêmico na gestão universitária. Sou vice-diretor de Diversidade, Equidade e Inclusão na Escola de Informação. Por um lado, esse desafio que nunca me interessou se converteu em um chamado, o aceitei porque acredito que esta é a única área da administração que acredito. Estou comprometido com a abertura de espaços para que mais pessoas possam crescer. A Universidade do Texas se converteu em uma *Hispanic Service Institution*, ou seja, 28% de nossos estudantes são de origem latina, muitos e muitas de origem mexicana. Se eu faço o chamado político, tenho que respondê-lo quando sou interpelado e assim estou vivendo. E até o momento tem sido muito mais interessante e desafiante no bom sentido do que eu esperava. Mas minha pesquisa tem ficado um pouco estacionada, não tenho tido muito tempo, estou apenas entendendo as coisas. Além disso, estou em uma escola de Informação, quando tradicionalmente estive em escolas de Comunicação. As escolas de Informação nos Estados Unidos surgem das escolas de Biblioteconomia, dos *library studies*, mas a informação agora é digital, então se transformou um pouco, formando muita gente para fazer *user experience* (UX), para fazer outro tipo de pesquisa relacionada à informação, nossos egressos vão trabalhar no Facebook e em empresas similares. Por isso é importante que, se forem para lá [para essas empresas], que ao menos entendam estas coisas críticas e saibam o impacto que terão se contribuirão como o êxito de tais empresas. Outra coisa: ainda é uma agenda aberta, mas o que está muito claro para mim é que minha ligação com a América Latina foi muito reativada. Fui quatro ou cinco vezes ao México desde que estou aqui. Comecei conversas, iniciarei um projeto. Vou ao Chile em dezembro para participar de uma rede muito bonita, que é a Rede Latino-Americana de Antropologia Digital, estão fazendo coisas muito interessantes, são um grupo de jovens com muita visão, com muita ideia. Minha ideia imediata é converter o livro que publiquei em um projeto empírico. Proponho no livro que para entender a cultura digital a partir da América Latina, necessitamos fazer trabalho de campo com a população, com coletivos e grupos que têm sido com quem tradicionalmente trabalhamos. Minha ideia é

criar uma rede, trabalhando sobretudo com estudantes de doutorado, na qual podemos fazer pesquisa etnográfica sobre estas populações e desenvolver a “teoria vital das tecnologias”. Esse é o projeto que tenho. Quero estabelecer vínculos. Já comecei a estabelecer vínculos com o México, outros colaboradores e colaboradoras da Costa Rica e do Equador também se juntaram e quero estabelecer outro com o Chile – é uma das agendas ocultas que levo ao país – e gostaria muito de ter um vínculo desses com a Argentina e, claro, com o Brasil. O que acontece é que agora tenho um orçamento muito reduzido para fazer alguns estudos exploratórios, mas a ideia é, eventualmente, aproveitar o poder dos Estados Unidos para financiar pesquisas e tentar gerar recursos para realizar um projeto mais sólido e ambicioso, fazer um pouco do que fez Daniel Miller, mas com três diferenças. Primeiro, buscaremos teorizar em vez de comprovar coisas; segundo, as pessoas serão dos lugares onde trabalham; terceiro, que cada vínculo tenha liberdade para concentrar o olhar no que considere relevante.

Victoria Irisarri

Em quais populações que não trabalhadas através do digital, você está pensando?

Edgar Gómez Cruz

Veja, isto surge porque no trabalho que fiz sobre o WhatsApp, entrevistei 25 pessoas, das quais todas, em maioria, eram urbanas com acesso a recursos. As coisas que me contavam eram interessantes, mas nada que já não tivesse lido. Quando comecei a conversar com trabalhadoras domésticas, com pessoas de ascendência indígena, com pessoas que tinham seus próprios negócios, surgiram coisas que, para mim, foram relevantes e que não estavam sendo abordadas na literatura sobre o digital. Assim, gostaria de explorar mais isso. Uma das coisas que costuma ocorrer na América Latina pela falta de recursos é que a gente termina fazendo pesquisa com o que tem nas mãos. Quase sempre acaba sendo com jovens porque os estudantes ainda não trabalham. Você faz uma chamada na universidade e eles vêm, recrutando as pessoas por meio da técnica da “bola de neve”. Isso quando você pede aos estudantes que, por favor, tragam gente. Isso nos permite seguir fazendo pesquisa, mas os alcances dessa pesquisa são muito limitados. A ideia é ver como podemos fazer para estudar com as pessoas que estão mais afastadas da órbita universitária e que enfrentam outras realidades. E, para isso, são necessários recursos. Os poucos recursos que tenho

agora quero investir nisso. E outra coisa que também estou pensando é que tentamos várias vezes, nos últimos 20 anos, formar redes e as redes simplesmente se desfazem com muita facilidade e rapidez. E me dei conta que, para criar uma rede sólida, é preciso criar afinidades, afetividades, complementaridades, mas, sobretudo, é preciso ter uma visão mais ou menos parecida do que queremos alcançar com a rede. Tenho uma rede muito pequena agora, quatro ou cinco pessoas, mas com as que trabalho muito, com Ignacio [Siles], que está na Costa Rica, com Paola [Ricuarte], que é equatoriana, mas vive no México. Com eles estamos fazendo muitas coisas, escrevendo e pensando juntos, temos dois ou três textos em processo que respondem um pouco a esta ideia e visão compartilhada. Mas claro, gostaria de estender esta rede, porque esta possível rede realmente pode dar resultados que gerem benefícios não somente para quem pertence à rede, mas também a distintas populações, de publicações até projetos conjuntos, intercâmbios docentes, há muitas possibilidades. Mas isso requer afinidades, projetos, convicções, recursos e tempo, um certo amor à arte. Leva tempo, confiança e, em algumas ocasiões, é preciso lutar, nadar contra a corrente e mudar a cultura acadêmica, as visões individualistas, a politicagem acadêmica e a falsa pretensão “científica” que, acredito, impediu a inovação e a experimentação que tanto nos beneficiaria. Há muito trabalho por fazer, mas temos que fazê-lo juntas, juntos e juntes.

Isabel Travancas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

É professora Associada do PPGCOM e do curso de graduação em de Produção Editorial, ambos da ECO/UFRJ. Doutora em Literatura Comparada pela UERJ, Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS do Museu Nacional e formada em Jornalismo pela PUC-Rio. É autora dos livros: *O mundo dos jornalistas* (Summus, 1993), *O livro no jornal* (Ateliê Editorial, 2001), *Juventude e Televisão* (FGV, 2007) e *A experiência da leitura entre adolescentes* (Appris, 2020).

Email: isabeltravancas@gmail.com

Victoria Irisarri - Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales

Pesquisadora de Pós-Doutoramento IDAES/Conicet (2020-2023). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2015). Mestre em Antropologia Social pela Universidad Nacional de San Martín-IDEAS/IDAES (2011). Bacharel em Ciências da Comunicação Social (UBA, 2000). Professora de Antropologia Social e Cultural, no curso de Ciências da Comunicação (UBA). Atua nas áreas de antropologia da cultura e antropologia da mídia.

Email: victoria.irisarri@icloud.com